

Uso desnecessário do anglicismo *tidal* em alguma literatura científica portuguesa¹

António Campar de Almeida

Universidade de Coimbra
CEGOT/DGT-FLUC
campar@fl.uc.pt
<https://orcid.org/0000-0002-7616-4023>

A pequena nota que me proponho apresentar é suscitada pelo uso, em alguma literatura científica, escrita em português, do anglicismo *tidal*, mais frequente no seio dos biólogos portugueses, embora não exclusivo desses profissionais. Por regra, surge em palavras compostas como intertidal, infratidal, supratidal, cotidal, etc.¹

O primeiro problema que se levanta está relacionado com o aportuguesamento fonético da palavra inglesa *tidal*, adjetivo formado a partir do substantivo *tide*. *Tide* pronuncia-se na origem por “taide” e *tidal* por “taidal”. Portanto, seguindo a regra que geralmente é adotada na nossa língua, quando importamos palavras estrangeiras pela sua não-existência em português, deve usar-se a forma como se pronuncia: exemplos de futebol, vindo de *football*, de râguebi (e não reiguebi, como se ouve por vezes), vindo de *rugby*, etc. Ora, seguindo esta prática, quando muito dever-se-ia escrever e dizer intertaidal, infrataidal, suprataidal, cotaidal, partindo do princípio, repito, de não existir alternativa autóctone para o adjetivo associado ao substantivo maré.

A aparente falta desse adjetivo associado a maré suscitou a procura de uma alternativa baseada numa das línguas clássicas, como tantas vezes faz a ciência quando tem necessidade de nomear, qualificar ou classificar elementos, seres, processos, etc. Apresentada a dúvida a latinistas, de imediato surgiu como opção a palavra *aestus* para maré, não obstante a polissemia desta palavra, sendo também associada a calor, como é o caso de estival para a estação quente do ano, por exemplo. Então poder-se-ia usar

o adjetivo “estual”, associando-o por exemplo a interestual, infraestual, supraestual, etc., ou seja, entre marés, abaixo da maré, acima da maré.

Pode suscitar estranheza o uso de um novo termo, buscado, além do mais, a uma língua clássica. Mas será mesmo um novo termo não existente em português? A terminologia científica associada às formas costeiras apresenta-nos alguns termos que nos são familiares fazendo lembrar aquele termo latino. É o caso de estuário e de esteiro. E, curiosamente, o que significa cada um deles? Estuário é a parte terminal de um rio que é afetada pelas marés, salina e dinâmica. Esteiro é um canal nos sapais que é percorrido pela maré na enchente e na vazante ou “canal de maré ou braço de estuário, em que a navegação depende da maré” (Moreira, 1984, p. 55). Portanto, já existe em português a aplicação deste termo latino. Porém, não é só em português; outras línguas latinas o usam, aliás como seria de esperar. Consultando o *wiktionary* (online), este mostra que *aestus* pode ter como significado calor, fogo, maré, onda do mar e outros significados em sentido figurativo. Para *aestuarium* diz derivar de *aestus* (maré) mais *-árium* (lugar para), ou seja, lugar para onde caminha a maré. Como palavras descendentes apresenta esteiro em galego; esteiro e estuário em português; estero e estuario em espanhol; estuario em italiano; estuary em inglês; estier em francês antigo (étier no moderno). Vê-se então que a maré latina se manteve até à atualidade em várias línguas, mas essencialmente na composição de outras palavras, não como substantivo isolado. Esse ter-se-ia perdido, dando lugar a maré em português, *marea* em espanhol e italiano e *marée* em francês, de onde teria derivado a nossa maré (Academia das Ciências de Lisboa, 2001).

Significa isto que talvez não seja necessário recorrer ao latim para buscarmos a adjetivação dos termos associados com maré e, muito menos, recorrer-se, por comodismo, à terminologia de origem inglesa. Aliás, já na década de 80 do século passado, Orlando Ribeiro e Maria Eugénia Moreira se rebelavam contra o uso dos termos ingleses, por exemplo na definição de Faixa entremarés, dizendo que: “é

¹ A presente nota destinava-se inicialmente ao livro de homenagem à professora doutora Maria Assunção Araújo. Dado o protelamento *sine die* da publicação do livro resolvi propô-lo para os *Cadernos de Geografia*. O texto iniciava-se com o seguinte parágrafo: “Quando na década de 80 do último século, e depois de discutida a dissertação de mestrado, me foi proposto estudar uma área do litoral da Figueira da Foz com a finalidade de elaborar a minha tese de doutoramento, uma das primeiras pessoas com quem fui falar foi a Professora Assunção Araújo, então em fase bem mais adiantada da sua tese de doutoramento, precisamente sobre o litoral da região do Porto. As perspectivas de abordagem das respetivas investigações eram diferentes, mas há sempre algo que se cruza ou sobrepõe e, tendo sido já pensado, ajuda sempre a rasgar os primeiros trilhos a quem se inicia e assim aconteceu. Muito lhe agradeço essa conversa inicial e a abertura de espírito que sempre mostrou ao longo da sua vida.”

frequentemente chamado de “faixa ou zona intertidal”; por o termo “intertidal” ser um anglicismo assignificativo em língua portuguesa, Orlando Ribeiro propõe faixa entremarés” (Moreira, 1984, p. 54). Mas também na definição de Isocotidal foi escrito: “linha que une pontos com igual valor de altura de maré. Termo incorrecto” (Moreira, 1984, p. 73). Se não houvesse, na altura, algum escrúpulo em adjetivar diretamente maré, a autora teria evitado a manutenção do termo com grafia inglesa e teria preferido, decerto, Isomareal. Mais recentemente, no glossário de termos litorais preparado no âmbito da *Revista de Gestão Costeira Integrada*, João Alveirinho Dias propõe e refere o seguinte para “Linha comareal, cotidal ou cobrasmática (Br) (l. *cotidal line*): Linha que corresponde à expressão cartográfica dos pontos onde a preia-mar (ou qualquer outra fase da maré) ocorre simultaneamente. Atendendo a que “cotidal” é um anglicismo, em português deve-se dizer “co-mareal” (RGCI/glossário, *online*).

Em espanhol, há muito que é usado o adjetivo mareal em correspondência do substantivo marea. Para além da linguagem corrente, isso pode ver-se mesmo em estabelecimentos ou instituições, privados ou públicos, que apresentam esse designativo, como é, a título de exemplo, “Cafetaria Mareal” em Vigo, Galiza, ou “Ecomuseo Molino Mareal El Pintado” em Ayamonte, Andaluzia.

Em português, e ultimamente, já há dicionários que apresentam mareal como adjetivo de maré. O Dicionário Priberam (*online*) refere o seguinte: “mareal - adjetivo de dois géneros: 1- Relativo a maré ou às marés (ex: faixa mareal); 2- Que está sujeito à influência das marés (ex. zonas mareais). Plural: mareais”.

O Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa (*online*) também alude ao termo em modos semelhantes: “mareal - adjetivo de dois géneros: 1. Relativo a maré; 2. Que sofre a ação das marés”.

Com este reconhecimento em dicionários de língua portuguesa do adjetivo vindo diretamente do substantivo maré, parece mais do que evidente não ser necessário continuar a incorrer no uso e abuso do vocábulo inglês *tidal*, para fenómenos que toda a gente pode entender se forem ligados à palavra portuguesa. Não temos *tides*, temos marés. Então que se use a terminologia muito portuguesa de intermareal, supramareal, inframareal, isomareal, comareal, etc.

A nossa língua sempre merece algum respeito.

Bibliografia

- Academia das Ciências de Lisboa (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Editorial Verbo.
- Dicionário Priberam - <https://dicionario.priberam.org/mareal> (consultado em 25/03/2021)
- Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora, 2003-2021. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/mareal> (consultado em 25/03/2021)
- <https://en.wiktionary.org/wiki/aestus> (consultado em 24/03/2021).
- <https://www.aprh.pt/rgci/glossario> (consultado em 27/03/2021).
- Moreira, M. Eugénia (1984). *Glossário de termos usados em Geomorfologia Litoral*. Estudos de Geografia das Regiões Tropicais, 15. CEG, U. Lisboa.